



Diretoria do Sindicato convida para reunião que irá definir Campanha Salarial 2018

O Sindicato dos Vigilantes de Barueri retomou nas últimas semanas discussões que irão nortear a Campanha Salarial 2018. E para debater estas questões - que interferem diretamente no dia a dia dos vigilantes - rea-

liza o dia 25/8, com início às 9 horas, uma reunião onde todos os profissionais de vigilância estão convidados.

Na pauta estão temas importantíssimos para a categoria como a Quitação Anual e a Jornada Intermi-

tente (trabalho em tempo parcial), temas que a Reforma Trabalhista impôs para os trabalhadores.

O encontro acontecerá na sede do Sindicato. Para que as perdas não sejam ainda maiores é preciso que

os vigilantes participem das decisões. O consenso entre os diretores é que as negociações deste ano serão as mais duras dos últimos tempos e caso não haja participação da categoria muitos direitos serão perdidos.

Conquistas de hoje existem porque houve luta no passado

Boa parte dos benefícios que os vigilantes têm hoje são frutos da participação dos trabalhadores e da diretoria do sindicato - que esteve sempre na linha de frente em anos anteriores - por respeito e direitos. É o que lembra a diretoria do sindicato dos Vigilantes de Barueri.

Os diretores - que tem trabalhado nas pautas da Campanha Salarial 2018 - destacam que muitas vezes o trabalhador não lembra que no passado alguém se dispôs a buscar melhorias salariais e direitos. “Embora alguns vigilantes achem que a Campanha Salarial não é importante, tudo o que a categoria conquistou foi dessa maneira, ano após ano. Nada aconteceu por acaso”, dizem.

Os diretores lembram ainda que não existe patrão bonzinho, que dá alguma coisa para o trabalhador. “Se não houver participação dos vigilantes a gente perde até o que já tem”, explicam. “Por isso temos que ir para as reuniões e para as assembleias. Precisamos participar e entender para reivindicar”, continuam.

A percepção que se tem é que a cada ano está sendo cada vez mais difícil avançar com as propostas. Isso porque os patrões estão cada vez mais unidos para retirar os direitos. “Só há uma maneira de impedir que direitos sejam retirados e avançarmos nas conquistas: se estivermos unidos e participativos”, finalizam os diretores.

Vários direitos dos vigilantes não estão na CLT e foram conquistados por meio da Convenção Coletiva de Trabalho. Veja alguns:



● - Ticket Refeição



● - Adicional Noturno



● - Plano de Saúde



● - Participação nos Lucros e Resultados (PPR)

O falacioso discurso da crise no setor da Segurança Privada no Brasil

Diferentemente de outros segmentos do mercado e do que dizem as empresas do setor, a segurança privada no Brasil não está em crise. Pelo menos é o que mostram os números.

Dados apresentados pela Federação Nacional de Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist) mostram que o faturamento do setor entre os anos de 1998 e 2013 foi de R\$ mais de 80 bilhões.

No ano de 2014 saltou para 45,7 bilhões e em 2015 cresceu 8,6%, chegando a 50 bilhões. A expectativa é que em 10 anos o crescimento chegue a 230%.

Além disso, a segurança privada é o quarto setor que mais emprega no Brasil, atrás apenas da construção civil, serviços domésticos, limpeza e zeladorias.

Mesmo com números tão expressivos os últimos reajustes salariais dos profissionais de vigilância não acompanharam o aumento das receitas das empresas e, muito menos, da inflação acumulada considerando o período entre 2010 e 2016.

Também, entre 2013 a 2017 mais de 120 mil vigilantes com carteira assinada perderam o emprego no Brasil. A justificativa das empresas de segurança para



as baixas é a crise financeira pela qual passa o país. Segundo os empresários, os contratantes estão abrindo mão do serviço por ele ser caro.

Na contramão das demissões, a organização da Exposec, a maior feira de Segurança da América Latina comemora o bom momento que vive o setor. Para os organizadores, o crescimento tem sido mais robusto que o esperado. Para eles, o volume de negócios fechados ou encaminhados está superando as expectativas em 2018. Além disso, a quantidade de empresas de

segurança privada também disparou no país. A partir de dados da Polícia Federal (PF) a Fenavist diz que em 2008 eram 1,6 mil e hoje, são 2,5 mil.

Por isso, especialistas do setor dizem que as demissões estão ligadas a várias questões e não somente à crise pela qual passa o país. “Uma delas é o crescente avanço da tecnologia e a tendência de troca dos profissionais por equipamentos tecnológicos”, explica o diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Vigilância, Ama-

ro Pereira. Outra questão apontada é a recorrente troca de vigilantes por porteiros, policiais e até militares aposentados. “Essas pessoas muitas vezes não têm vínculos com a empresa, não geram encargos e nem direitos trabalhistas”, continua o sindicalista.

“É importante que o trabalhador fique atento. Há uma crise, mas não é das empresas de segurança”, destaca. “A gente não pode acreditar em tudo o que ouve. Demissão e corte de direitos é coisa de empresário que só pensa no lucro”, finaliza.



#RESPEITEO VIGILANTE